

228 103-8- 42

REVISTA LUSO-BRASILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

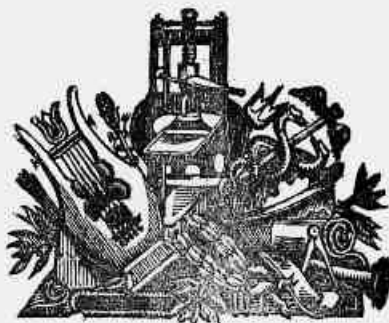
DE

LITTERATURA, INDUSTRIA, GEOGRAPHIA, POESIA,
MUSICA, ETC.

REDIGIDA POR

ANTONIO MARIA DE CASTILHO BARRETO

1.º Anno—N. 2—31 de Julho.



RIO DE JANEIRO

TYP. DO REGENERADOR DE J. J. DA ROCHA

RUA DO CANO N. 140.

1860.

REVISTA LUSO-BRASILEIRA

IMPRESSIONES

SOBRE AFRICA OCCIDENTAL

(Continuação).

Não temos seguido n'estas—*Impressões*—ordem alguma na descripção dos usos e costumes : talvez que alguém por isso nos censure ; mas cremos na desculpa, attento o não ser nosso fim fazer um tractado para que não tinhamos forças, e unicamente procurarmos dar conhecimento do que mais impressão nos fez, entre as innumeraveis extravagancias d'aquelles povos.

Agora, que já demos uma pequena idea de alguns dos seus habitos, entremos n'uma das suas sanzalas (1) e sigamos o Conguista no seu viver domestico. —

Quem não conhece a indolencia do negro ? Parece-me que ninguem ; mas tambem ninguem faz uma idea, aproximada sequer, da ociosidade completa dos Conguistas : do odio que tem ao trabalho.

O terreno que medeia entre os Districtos do *Ambriz* e *D. Pedro 3.º*, é geralmente de uma vegetação espantosa : tem, é verdade, de espaço a espaço alguns pontos aridos, outros em que a falta de agua se torna muito sensivel ; mas sem medo de errar, podemos dizer que isto se não dá em um oi-

(1) Cada sobado tem maior ou menor numero de sanzalas: uma pertence ao soba, outra ás mulhiéres destes e as demais ao povo em geral.

tavo do terreno. No Congo cultiva-se a mandioca, o feijão, o mendobim ou ginguba, o milho, pouca canna de assucar e nada mais; mas estas plantações só se encontram nas immedições das sanzalas e em pequena escala. Deve-se isto a que o negro, entendendo que uma braça de terreno cultivada, é sufficiente para a sua sustentação, e de sua familia, não faz cultivar um palmo além.

Todo este trabalho e todo o demais é feito pelas mulheres: são ellas quem cultivão as lavras, quem fazem as farinhas, a comida para si e para aquelles, e finalmente cabe-lhes tambem o comprar e vender alguns generos nas suas quitandas; assim, o preto só se empregá em extrahir o vinho da palmeira, ao que se presta de bom grado, por que delle bebe tanto quanto pôde. Durante o dia, em quanto as suas amasias vão para as lavras, ficão elles nas sanzalas a título de guardarem as suas propriedades—Reunem-se pois no centro dellas, conversando e limpando ao mesmo tempo, com um carôlo de milho, as suas armas, as suas *ndokys* (2).

Além d'este pesado serviço, vão de passeio ás quitandas, que por curiosas passamos a descrever.

No Congo teem as semanas quatro dias apenas *Sona—Cando—Pando—Answar*—(3) Em cada um d'estes, ha uma quitanda em diversos pontos, estabelecida geralmente junto a sanzala do Soba (4) na estrada: ali afflue a mandioca, a *quieuanga* (5) a *quitaba* (6) a sardinhapescada no Ambriz e Ambrizete, e secca ao sol como já dissemos: sobretudo, em grande quantidade o vinho de palma, de que resulta geral embriaguez, e dez minutos depois facadas e mortes com o que acabam. —

N'algumas d'ellas, são prohibidas as armas: o preto que entrar armado, de pão que seja, é posto fóra; mas poucas são as que seguem este estylo. —

A mais rica de todas, é a que fica situado no alto de um pequeno monte

2 *Ndoky*—feiticeiro—chamam ás nossas bocas de fogo—*ndoky ampuene* feiticeiro grande, porque dellas teem muito medo.

3 Não respondemos pela orthographia.

4 Chamam-se a esta sanzala — *Banza e á soba*.

5 Massa da mandioca depois de fermentada.

6 Massa composta com farinha, ginguba ou mendobim, pimenta do Congo, pimentinha, etc.

junto à 2.^a Divisão do Districto D. Pedro 5.^o que ainda hoje, com quanto avassallada, conserva o antigo nome de *Quimalenzo* (7): affluem ali de quatro em quatro dias, talvez trez mil pessoas dos pontos mais proximos e algumas de bem longe.—Vimos ali vender veludo, veludilho de todas as côres, rendas, morim, chitas, tachas amarellas, armas, polvora, baeta azul e encarnada, tangas promptas, aguardente, etc. Lembrou-nos a nossa *Feira da ladra*.

Os unicos divertimentos desta gente, resumem-se em danças á noite ao som dos *batuques* e *canzás*—não conhecemos mais nenhum.

Eis aqui o viver dos Conguistas—Os hemens na indolencia completa, as mulheres no trabalho de toda a sorte, de manhã á noite: não obstante, todas se amoldam e talvez intendam que assim deva ser. —

Nos pontos alem do *Districto D. Pedro 5.^o*, são os negros mais amigos do trabalho, que inda assim odeião: das suas sanzalas vem ás nossas quitandas, alguns trabalhos curiosos. N'umas empregam-se exclusivamente na confecção de esteiras, desde a mais fina até á mais ordinaria—n'outras, fazem á ponta de uma pequena faca, imagens sacras, mui soffrivelmente trabalhadas: — d'outras sahem as gorras tecidas, que servem de adorno ás *testas coroadas*, no que trabalham com toda a perfeição e esmero:— d'outras enfim, os menos industriosos, vinham offerecer-se-nos para o trabalho de mineração e para a conducção de cargas.

Todos os trabalhos curiosos d'aquella gente são exclusivamente feitos no interior do Congo. Do Bembe para o litoral dedicavam-se apenas á extracção do cobre (8) e á venda d'elle aos negociantes estabelecidos no *Ambritz*, *Ambritzete*, *Cabinda*, etc.

Vestuario.

O vestuario dos dous sexos no Congo, prima pela simplicidade.—

As crianças andam completamente nuas, mesmo até ao rigor do tempo,

(7) Deriva-se este nome de — Malenzo — que na lingua indigena quer dizer —Lonrenço.—Deve este nome ao seu fundador, um dos escravos da rica capitã-lista, D. Anna Joaquina dos Santos e Silva, que ali se foi estabelecer para a compra do marfim.

(8) Dão-lhe o nome de — *unguento*—Porque?..

por que é preciso notar que no Congo no inverno faz frio e calhe nebrina em grande quantidade.

As mulheres usam de uma tanga á cintura, a penas de um palmo de comprimento, rasgada dos lados — sobre os seios uma outra, amarrada, com um cordel apertado espantosamente. Eis tudo !—

Os homens são mais *recatados e vergonhosos*—usam de uma tanga muito comprida, ficando a arrastar um palmo, pelo que se distinguem entre outros quaesquer, e uma outra á roda do peito, e costas: no entretanto alguns ha que, não querendo exceder o *bello sero*, imitam o interessante trajar de suas *esposas*.—

N' alguns lugares ha ainda mais *simplicidade* no vestuario.

O *carmin* das conguitas é a *lacula*, com que pintão todo o corpo, e os mais *janotas* as suas vestes.—Como distinctivo de nobreza, usam uma quantidade de *malungas* (9) maior ou menor, nos braços e uma ou duas muito grossas em cada perna.

Os toucados das *damas*, encerrão-se em trançarem a carapinha com incrível perfeição, servindo-se dos coraes falsos como pendentes: — a maior parte trazem-os soltos.

Em seguida passemos a fallar dos *emblemas do poder*.

O vestuario é o mesmo dos demais, nos dias simples; quando têm de ir aos nossos acampamentos prestar auto de vassallagem, visitar o Governador etc. revestem-se então das seguintes trapalhadas.

Todos elles teem mais ou menos a sua casaca, a sua farda de baeta encarnada com galões falsos e outras n' este genero, que costumão receber das nossas authoridades —Pertence isto ao *grande uniforme*.

Por sobre a tanga collocão uma porção de retalhos de diversas côres do tamanho de palmo quadrado; cada um delles, denota o numero de *sobas* seus antecessores, de forma que se se lhe pergunta quantas *sobas* teem *reinado* antes d'elle, responde dando a contar os retalhos.

Na mão direita trazem um bastão com engaste de estanho, trabalho d'elles, e muito curioso — E' o *sceptro*; apenas sentados enterrão-o no chão (10).

(9) Argolas de metal amarello de todas as grossuras e dimensões.

(10) Nos cumprimentos entre elles, a primeira reverencia é ao bastão.

Na esquerda, um chicote feito de pelle de cabra preta, que significa a *justiça* (justiça de chicote!) Na cabeça a gorra de palha a que chamão *cayinga*, e finalmente pendente ao pescoço o *cruxifixo*.

Os *macotas* teem da mesma forma uma *cayinga*; mas menos lavrada e só em *Sessão Regia* a pôdem pôr na cabeça, diante d'aquelle.

Não são só estes os adornos de todos os sobas; os mais poderosos teem fardas ricas, cordões de ouro etc. como por exemplo o *Dembo Ambuilla*, de quem vamos fallar um pouco.

O *Dembo Ambuilla* é o mais poderoso de todos os *Sobas* e *Dembos* das immedições do Presidio de *S. José de Encoge*, vulgarmente conhecido em Portugal por Presidio das *Pedras Negras*. Foi outr'ora nosso inimigo aquelle Soba e algumas expedições tiveram de lutar para fazer render o povo *Ambuilla*: hoje parece nosso vassallo.—

Descrevamos o prestito *Real* —

O Dembo tem de 70 a 80 annos, pouco mais ou menos, baixo, magríssimo, e acabado, talvez por um *river monotono*: por todos estes motivos poucas vezes sahe, e quando o faz é acompanhado por uma grande parte dos seus vassallos—vai sentado em uma poltrona antiquissima, carregada por quatro negros, e cercado pelos seus *Macotas* e Secretario. Traja grande farda bordada, ao peito um rico *cruxifixo* e grande numero de cordões de ouro e nos dedos alguns anneis tambem d'aquelle metal.—

Os vassallos d'este Dembo praticam com elle uma cerimonia que não vimos em nenhum outro ponto. A' frente do prestito vão dous homens, *dois grandes do Sobado*, varrendo a rua, e outros dous fazendo pantomimas com grandes sabres, iguaes ás que descrevemos quando tractamos do *julgamento de Indía*.

Quando o Soba cospe, correm os *Macotas* a passar as mãos no cuspo, *para com elle se untarem*, e é honra tão elevada, que só pertence aos *Macotas*, e áquelles que mais antigos são no Sobado!

Que honra tão dispensavel e tão nojenta!—

Heranças — Eleições de Sobas

Com quanto não seja, no todo, mui regular a maneira porque procedem quanto á arrecadação das heranças, nem por isso é destituida do senso commum, uma vez applicavel áquella gente. —

Os filhos dos habitantes do Congo, e os da maior parte dos nossos Presídios e Districtos, não herdam dos pais;—dizem elles *que os filhos podem ou não ser seus filhos, e que seus sobrinhos são por força de seu sangue*: (que juizo formam de si!) é por consequencia a favor d'estes que reverte a herança tanto de bens, como do poder, nos cargos hereditarios, taes como o de *Dembo, Soba, Macota* etc, quando algum intruso por meio de força e despotismo se não apodera do lugar.

Temos de ser pouco explicitos sobre este ponto, por que não desejamos mentir, e não sabemos ou pelo menos não nos recorda se são precisas algumas qualidades ou titulos para entrar no governo; mas não o cremos, por que todos os Sobas parecem escolhidos a dedo d'entre os menos espertos.

A eleição do *soba* é feita em seguida ao enterro do seu antecessor: não tem cerimonia particular, porque desde a morte d'este, já é olhado como successor— ha simplesmente as patacuadas do estylo, as danças, e a embriaguez.—

Para se poder fazer idea da força que o *soba* tem, recorda-nos haver ouvido narrar que n'uma sanzala, sita entre *D. Pedro 5.* e *Quimalenzo*, fôra um melido na *mataka* (11) por um vassallo seu, em consequencia de desconfiança de adulterio com sua mulher.

(*Continúa.*)

DINAH-DIANA.

CONTO MORAL E VERDADEIRO.

(*Continuação.*)

VI.

Na vespera do dia fixado para a assignatura do contrato, o Conde Rafael foi procurar Eduardo Rawley.

(11) Pão do tamanho de uma vara, acabando em semicirculo: temos visto aqui para prisão de macacos.

Senhor, lhe disse, decerto não contaveis que eu deixasse effectuar o vosso casamento sem primeiro nos entendermos?

E com que direito vos oppõeis vós a elle? perguntou com gravidade o inglez?

Com que direito? Julgo que Lady Diana me honra com a preferencia a todos os seus pretendentes, disse o Conde. Quanto a vós, apenas vos firmaes no apoio de Lady Milworth, por serdes seu parente: tendes por isso influencia e abusais do respeito que esta menina tem a sua mai. E' um procedimento que me parece vergonhoso, que eu não estou disposto a soffrer, e de que vos peço a explicação.

A minha explicação, sabeis que a tenho na ponta da espada. Compreendeis-me, Senhor?

Muito bem, e estou prompto.

Os rivaes batteram-se. Sir Edouard foi ferido, mas não mortalmente; contudo os medicos disseram que só passados trez mezes, ficaria curado.

Dois mezes depois d'este acontecimento, Lady Milworth morreu.

Senhor, disse o Conde a Diana, eis vos hoje livre, e por isso habilitada a fazer escolha de esposo; bem certo de vosso character, venho pedir-vos a vossa mão.

Não comprehendendo o que quereis dizer, Snr. Conde, tornou Lady Milworth admirada e ferida por aquellas palavras—não creio ter por minha conducta, authorisado ninguem a pretensões que, como essa, eu abstenho de qualificar: mas sabeis que hoje, como sempre, eu recuso a honra de vossa alliança.

O ferido com sua mão tremula, lhe escreveu uma carta, lamentando-se de que o lucto viesse ainda alongar mais a hora da sua suprema felicidade. Diana respondeu-lhe que não tendo consentido em tal casamento, senão pelo respeito que devia a sua mai, a morte d'aquella senhora, rompia irrevogalmente este projecto.

Depois, para se distrahir do desgosto que lhe causou a morte de sua bemfeitôra, Lady Diana deixou Florença e voltou a Paris.

VII.

Desejou ver na opulencia, aquella cidade onde tão difficilmente tinham

passado os annos da sua miseravel infancia, passeando em rica equipagem por essas ruas, que mendigando tão bem medira com passo de dor.

Recordando-se do passado, lembrou-se do moço doente que tão bom tinha sido para com ella. Animada por um sentimento de piedoso reconhecimento, disse.

Vêl-o-hei: é preciso que elle saiba que o que fez por mim, não se apagou em minha memoria. Mas onde o encontrarei! Será ainda vivo?

Em que sitio era essa casa, essa janella, essa rua, tão lembradas de Diana?!

Muitos dias o procurou embalde, até que chegando ao arrebalde de Roule, o reconheceu.

Eil-a diante da casa: mas a janella estava fechada—Diana não quiz bater.

Alem disso por quem havia de perguntar? ignorava o nome da pessoa que procurava! E ella temia saber alguma desgraça.

Uma idea porem lhe suggerio de repente — effectuou-a no dia seguinte.

Atraz da janella fechada, e no quarto onde Diana em criança recebêra tão caridoso acolhimento, Alberto, moribundo, cercado de alguns amigos, dizia ao medico.

« Amigo, agradeço tanto cuidado, a que devo o prolongamento até hoje de uma existencia de ha muito desenganada: inda porem vos resta a fazer-me um pequeno serviço; nomeio-vos meu testamenteiro, e este titulo vos impõe um bem difficil encargo. N'outro tempo, tanto minha avó, como eu, vivemos de uma pequena pensão, que ella tinha, como viuva de um official: pouco depois da sua morte, quando me via já sem recursos, um tio avarento, que nunca nos dêra nada, me legou a sua fortuna, cerca de 100,000 escudos, e quero agora dizer-vos a quem deveis entregal-a. Talvez vos admireis do meu capricho; mas peço-vos que o respeiteis. Ha sete annos, vinha aqui focar debaixo destas janellas, uma musica ambulante: entre elles, vinha uma pobre criança, que por soffrer como eu, me inspirou o mais vivo interesse. Desapareceu um dia, mas eu não a esqueci, porque bem sabeis como uma lembrança, um pensamento se apodera do espirito de um doente. E' esta menina que eu instituo minha herdeira universal. Ignoro o que é feito d'ella; pertence-vos o procural-a

e descobril-a e para esse fim, bem pouco posso adiantar. Chamava-se Dinah ; eis tudo quanto sei : mas como eu conheço a vossa amizade e dedicação, estou certo que vos não descuidareis e não poupareis fadigas para a encontrar. Se não apparecer antes de trez annos, é tudo vosso.

VIII.

No momento em que Alberto acabava de dizer isto, uma musica se ouviu na rua.

O doente, fazendo um esforço sobre si mesmo, levantou-se, correu á janella, abriu-a e debruçou-se.

Dinah não estava ali : mas Dinah estava um pouco mais longe, escondida e em observação.

Alberto tinha tristemente fechado a janella e dizia ao Doutor.

Se chamássemos aquelles musicos — se indagássemos...

Aporta se abriu — Diana entrou.

—Conheceis-me, disse ?

O doente fixou-a attentamente.

—E' impossivel ! exclamou com vós tremula.

—Sou eu, a criança que soccorrieis com tanta compaixão e que vos não esqueceu.

—Tambem eu pensava em vós : vede.

E Alberto deu a Diana o seu testamento, que ella leu a chorar.

—Ah ! Deos teve piedade de vós, dando-vos vida e saude.

—E vós podereis encontrar isso mesmo no paiz onde o achei.

—Vinde para Italia !

—E' tarde ! mas agradeço a Deos, por me ter dado um momento de felicidade á hora da morte.

A cabeça do doente cahio — os olhos se fecharam, e os labios proferiram um — Adeos...

Tinha morrido!...

IX.

! No inverno passado, Lady Milworth foi a Nice por causa de uma affeição de peito de que soffria desde criança, e que a atacára de repente: foi ali que ella contou esta historia a algumas amigas intimas.

MARIA STUART E HENRIQUE III.

(TRAD. DE BRAULIO CORDEIRO.)

Relações diplomaticas entre a França e a Inglaterra, por occasião da condemnação e supplicio de Maria Stuart.

Não ha historia tão mysteriosa como a de Maria Stuart. A ambiguidade provém mais da falta de documentos necessarios do que das paixões politicas e religiosas, que até nossos dias tem dado á rainha da Escossia apaixonados admiradores e ardentes adversarios. Sua historia acha-se ligada na verdade com a grande luta ao XVI seculo, com a luta de Felippe II e Isabel. Estes dous contendores conservaram-se na offensiva, durante vinte annos, antes que se declarassem abertamente.

O captiveiro de Maria Stuart tornou-se um motivo para intrigas e conspirações: Felippe II assegurava o triumpho e a liberdade da rainha da Escossia. Servindo-se de seu nome para revoltar a Inglaterra, Isabel conservava-a como um refem e uma ameaça; quando, porém, tomou uma decisão no momento da crise, lançou a cabeça de Maria Stuart, como um cartel a Felippe e aos Guises. Desta sorte, a rainha da Escossia, apezar de ausente, foi o motivo para o rompimento; do fundo de sua prisão attrahia todos os olhares, apaixonava todos os corações.

As opiniões as mais oppostas nasceram: para os catholicos exaltados do XVI seculo, Maria Stuart era martyr; elles accusaram como autores de suas desgraças aos huguenotes e a perfidia de Isabel. Os protestantes, pelo contrario, tendo á sua frente Buchanan, imputavam á rainha da Escossia os crimes os mais odiosos, e perseguiam com um encarniçamento que nada, ainda as desgraças de um longo captiveiro, puderam abrandar.

De nenhuma sorte pretendemos occupar-nos de factos tão contravertidos da historia de Maria Stuart, taes como o assassinato de Darnley e o casa-

mento da rainha da Escossia com Bothwell. Limitar-nos-hemos a uma questão muito mais simples, que foi caprichosamente esquecida pelo amor do paradoxo: qual o proceder de Henrique III acerca de sua cunhada, quando Isabel entregou-a a uma commissão que pronunciou contra ella a sentença de morte? teria sido trahido, como assegura grande numero de escriptores desde o XVI seculo até nossos dias?

A exposição das peças originaes e authenticas desta parte da historia de Maria Stuart bastará para que cheguemos á verdade. O exame dellas reduzirá a seu justo valor os paradoxos de Bayle e dos escriptores que se lhe seguiram. Este estudo é tanto mais necessario que, entre os historiadores os melhores informados e os mais recentes das rainhas Isabel e Maria Stuart, uns tem reproduzido as asserções de Bayle, e outros hão desprezado esta questão que lhes parece de um interesse secundario á vista das scenas dramaticas que traçaram em seus quadros.

I.

Maria Stuart, depois de um captiveiro de dezoito annos, acabava de cahir no laço que lhe armou Walsingham. O ministro de Isabel possuía as cartas em que a rainha de Escossia, dirigindo-se a Babington e a seus complices, estimulava-os em suas conspirações, e excitava o zelo da Hespanha para uma invasão em Inglaterra. Noticias sinistras forão espalhadas na cidade de Londres. Dizia-se que os conjurados devião celebrar o anniversario de S. Bartholomeu (24 de agosto de 1586) decapitando a rainha de Inglaterra, todos os protestantes francezes e os principaes senhores do conselho de Isabel. Ao mesmo tempo uma frota hespanhola tinha conduzido um exercito para as costas da Inglaterra e sublevado a Irlanda.

A leitura das cartas em que estas accusações do partido protestante são repetidas dá a conhecer que grão de exaltação não devia agitar a população fanatica de Londres,

O barão d'Esneval, voltando de sua embaixada á Escossia, e chegando a Londres na occasião da prisão de Babington e de seus complices, vio as illuminações de regozijo em todas as ruas e ouvia os toques dos sinos em Londres e em toda a Inglaterra. Pouco faltou para que a morada do embaixador francez não fosse violada pela população, que o accusava de ter

occultado muitos conspiradores. Todas as saídas da casa foram tomadas. As sentinellas foram retiradas, logo após os protestos do embaixador, L'Aubépine de Chateau-neuf, dirigidos ao governo inglez, continuando-se, porém, a exercer uma vigilância secreta sobre a morada do embaixador.

A's reclamações do L'Aubépine, Walsingham respondia simplesmente que era necessario ter paciência, e que elle mesmo não havia sido melhor tratado em Pariz no dia de S. Bartholomeu. Os protestantes francezes refugiados em Inglaterra não se esforçavam menos em accusar seus compatriotas e excitar esta exacerbação popular. Este estado de cousas durou pouco mais de um mez. A 12 de setembro de 1856, L'Aubépine escrevia ao barão d' Esneval:

« Rogo-lhe que faça chegar ao conhecimento do rei a maneira por que se tratam neste paiz os seus servidores. O alarma, por occasião da invasão dos francezes, foi tão grande que o povo cogitou saquear não só os francezes como os outros estrangeiros. Hontem mesmo, indo dous criados meus á cidade foram presos pelo povo, que os suppunha espiões que voltavam de observar. Pouco depois, o maire m'os reenviou; em todas as partes se diz que o exercito de mar quer descer até aqui, de sorte que, se o rei não der uma ordem a esse respeito, á vista de semelhante tratamento dado aos inglezes em França, será melhor não ter mais embaixador neste paiz, e que os nossos commerciantes não venham mais negociar. »

Em 24 de setembro a agitação ainda persistia: « Estamos cada vez peor, escrevia nessa data Chateau-neuf a d'Esneval; toda a cõrte acha-se perturbada com a opinião de que este negocio é sabido dos principes estrangeiros, e que eu particularmente tomo nelle parte, apesar de nada se me encontrar que me complice, pelo depoimento das testemunhas e cartas. »

O furor dos inglezes era com preferencia contra Maria Stuart. Haviam-se apoderado dos papeis da rainha da Escossia, e, como L'Aubépine se queixasse disso ao thesoureiro-mór, Barghley respondeu-lhe que Isabel communicaria todas as peças a Henrique III, afim de que elle, sabendo de tantas malversações, não mais se interessasse por ella.

A rainha de Inglaterra enviou, com effeito, embaixadores extraordinarios para a França e Escossia com o fim de mostrar a Henrique III e a Jacques VI as cartas que comprovavam a conspiração, e fazer chegar a suas

mãos as peças as mais convenientes para irrital-os contra Maria Stuart, taes como a sua correspondencia com a Hespanha e seu testamento em favor do Philippe II. Chateau-neuf, porém, não abandonou a causa da rainha prisioneira. Logo no dia 3 de setembro elle escreveu a Henrique III para avisal-o do perigo que corria sua cunhada.

Quando d'Esneval deixou a Inglaterra, nos primeiros dias de setembro, L'Aubépine de Chateau-neuf encarregou-o de despertar Henrique III de sua indolencia; e, com effeito, d'Esneval, em sua memoria que a apresentou ao rei, insistio na necessidade de enviar promptamente à Inglaterra um embaixador extraordinario, e de corromper os principaes ministros de Isabel. Em 7 de setembro reiteradas instancias de Chateau-neuf foram recebidas. Elle escrevia ao rei, a Catharina, e ao secretario de estado Brulart, apresentando-lhes a situação critica de Maria Stuart: « He necessario, dizia elle a Catharina de Médicis, que a autoridade do rei intervenha mais vehemente do que as palavras de um embaixador. »

Nenhuma resposta obtiveram esses despachos. A 11 de setembro, L'Aubépine de Chateau-neuf de novo escreveu ao rei, a Catharina de Médicis e a Brulart : « Vossa magestade, dizia elle a Catharina, terá sabido o estado em que se acha a rainha da Escossia, e que cada vez mais se complica. » Emfim, em 17 de setembro, Henrique III rompeu o silencio inexplicavel, e enviou a Chateau-neuf um despacho em o qual lhe fazia saber que, por sua ordem, o secretario de estado Brulart, havia feito saber ao embaixador de Inglaterra que a França não podia continuar a vêr que se *attentava contra a pessoa da rainha da Escossia*. Ao receber esta carta, Chateau-neuf pediu uma audiencia a Isabel, mas illudio-se quanto ao resultado. Em suas cartas confidenciaes d'Esneval, elle se queixava do pouco credito que merecia a França á vista das guerras civis : « Eu lhe asseguro dizia elle, que o temor do rei de Escossia produzirá melhor effeito aqui do que o do nosso senhor. » A audiencia que o embaixador obteve de Isabel só servio para confirmal-o na malvadez dessa princeza.

Recordou-lhe todas as conspirações nas quaes teve parte Maria Stuart, e a necessidade em que se achava de pôr-se em defensiva, dizia ella, contra os perigos, pelo que estava bastante penalizada.

Enviando ao rei a exposição desta audiencia, Chateau-neuf lhe partici-

pou a proxima partida de uma commissão de lords e de conselheiros da rainha para Fortheringay, onde deviam julgar Maria Stuart.

No mesmo dia (4 de outubro). escrevia particularmente a d'Esneval. « Expeço ainda este portador expresso ao rei por causa da rainha da Escossia, a qual necessita, eu o affirmo, de ser o mais depresssa possível soccorrida e assistida por sua magestade e temo muito que o receio que se tem em França pelos negocios da Inglaterra *sirva demasiado para perder esta pobre princeza.* Rogo-lhe communique a este portador a memoria que entreguei ao partir afim de instruil-o mais amplamente e de sua parte tê-la á mão se acaso ainda a possue, *para que possamos restabelecer o serviço e a honra do nosso paiz em alguma dignidade.*

O perigo que corria Maria Stuart, na verdade, tornava-se cada dia mais eminente; ella estava gravemente compromettida pelos depoimentos dos conspiradores e do seu secretario Nan. A maior parte dos membros do conselho de Inglaterra julgava-a incura no crime previsto em um statu (decreto) do vigesimo-setimo anno do reinado de Isabel (1585) ; esta lei cruel punia com a morte, não só autores de attentados contra o soberano, como tambem todos aquelles que os excitavam ou podiam soccorrel-os . O embaixador francez não deixava de participar ao rei os diversos incidentes do processo .

« Hontem , escrevia-lhe em 9 de outubro de 1586 , reuniram-se todos os mylords deste reino no palacio, com os do conselho privado e os chefes da justiça ordinaria , em presença de todos , forão pelo chanceler lidas a exposição da conjuração, todas as cartas achadas nos cofres da rainha de Escossia, com o depoimento de seus secretarios que ali foram chamados, e o depoimento daquelles que haviam sido executados, e se lhes pediu declarassem sua opinião. Todos respondêram o que estava resolvido, que vinha a ser, interrogal-os sobre estes pontos, afim de se lhes formar o processo, e foram encarregados doze mylords, com todos os do conselho e os chefes da justiça , assim como os presidentes e procurador geral.

Todos partiram no dia 15 deste mez para o lugar onde se acha a dita senhora , afim de interrogal-a e julgar se merece a morte, e, á sua volta tudo será levado perante o parlamento geral deste reino, que se reúne em 25 de outubro , para ali ser confirmado . »

Não havendo recebido instrucções da côrte de França, apesar de suas

reiteradas instancias, L'Aubépine de Chateau-neuf decidio-se a fazer de seu motu proprio uma tentativa junto a Isabel antes que os commissarios partissem para julgar Maria Stuart. Dirigio-lhe uma carta, em 17 de outubro, na qual recordava todas as desgraças da rainha da Escossia, e supplicava a Isabel que lhe concedesse levar um defensor; « — o que, dizia elle, em nenhuma parte do mundo se recusa áquelles que são accusados de crime capital. — » Esta carta era ditada por um sentimento tal de justiça e de honra que a França não podia deixar de approvar. Entretanto, tal era a fraqueza do governo dessa época que o embaixador temia desagradasse. Tres dias depois de haver escripto esta carta a Isabel, em 20 de outubro de 1586, consultava confidencialmente o barão d'Esneval sobre a conducta que devia seguir. « — Rogo a VEx. me mande dizer qual a intenção de Sua Magestade, particular e publicamente, acerca dos negocios daqui (da Inglaterra). Julgo que pouco valor se dá em França á questão da rainha da Escossia e destes lugares, como tenho dito a VEx. muitas vezes. Comtudo desejarei muito saber como me devo regular para seguir a vontade de meu soberano; pois que aqui só faço o que me parece ser razoavel e da dignidade da França, do que me resulta o odio dos inglezes, que em França me emprestam factos mentirosos e calumniosos para fazer valer seus interesses, e entretanto que locupletam-se á nossa custa. O facto da rainha da Escossia occupa-os por tal fórma que não se falla aqui em outra cousa. Creio-a perdida e em muito máo estado.

« Tenho sido diligente e expresso em minhas participações; quanto ao mais minha consciencia está pura. »

(*Continúa.*)



PALAVRAS DE UM CRENTE.

(Continuação).

Foi esta a preocupação do meu espirito durante um somno agitado.

Quando acordei, cahi n'uma meditação profunda: perguntava-me a mim proprio se este sonho era um presentimento ou uma imagem vã e passageira; admirei o discurso simples e sem adornos da bôa deusa; gemi pela sorte dos desgraçados que haviam estado junto as sepulturas; perguntava-me se era possível Deus abandonar a Humanidade, que a consentisse victima dos seus espiritos elementares; enfim o homem, todo o seu genio, todo o seu poder poderiam apressar o passo, adiantar a hora, mudar o rumo de sua mãe rainha, a imperturbavel Humanidade?

E eu me disse: não, não, não.

De repente senti um grande alarido; corri e vi que um homem fallava ás turbas. Tinha uma voz bella, animadora e forte; gesto imperioso, e verdadeiramente impressionado o cercava uma multidão de ouvintes, dizendo uns — E'a verdade — em quanto que outros de pé, com toda a serenidade, disiam — Escutemos para poder julgar.

E um frio gelado me passou rapido pelo corpo — conheci que o meu sonho era um presentimento... porque o orador proferia sentenças bem curiosas. Escutem'o-l-o.

« A terra tornou-se tenebrosa e fria.

« Eu vejo os povos levantarem-se em tumulto e os reis empallidecerem
« à vista do seu diadema. A guerra está declarada entre elles; *uma*
« *guerra de morte.*

« Não imiteis o carneiro, que, se o lobo ceifa um de seus companhei-
« ros, por momentos se aterra, continuando pouco depois a pastar;
« porque, pensam elles, talvez se contente com uma ou duas prezas, e
« que faço eu inquietando-me por aquelles que elle devora? »

« Franqueai vossos trabalhos e vossos braços, e a pobreza apenas
« existirá entre os homens como uma excepção imposta por Deus, para
« lhes lembrar a enfermidade da natureza e o soccorro mutuo e amor
« que se devem uns aos outros. »

« Orai do fundo do coração, depois combatei sem temor.»

« Fugi dos que disem liberdade! liberdade! e que a destroem por
« suas obras.»

« A liberdade têl-a-heis quando à força de coragem e perseverança,
« a poderdes seguir em todas as suas maximas.»

« A liberdade se vos mostrará radiante, quando com vontade forte
« diserdes do coração — Queremos ser livres, e quando para o serdes
« vos destineis a supportar e soffrer tudo.

« Gosareis a liberdade, quando aos pés da cruz do Redemptor, jurar-
« des morrer uns pelos outros.

« Se não estais resolvidos a combater, sem recuar, a soffrer sem de-
« sanimar, a nunca esfriardes, a não ceder nunca, guardai as armas e
« renunciai a uma liberdade de que sois indignos.

« Os reis espumarão de raiva na altura dos seus thronos: procurarão
« suster com as duas mãos as côroas que o vento lhes leva, e cahirão
« por terra com ellas.

« O que são esses moinhos, que de continuo giram, e que moem elles?

« Filhos de Adão, esses moinhos são as leis dos que governão, o que
elles moem, sois vós.

« Todos os medrosos destroem a paz, a segurança e a liberdade na
« terra. E' preciso pois combater com elles sem desanimo, para poder
« encontral-a.

« Toda a paciência e coragem é necessaria, não alcançareis a victoria
« d'outra forma.

Todas estas cousas e muitas mais, algumas mesmo contradizendo as primeiras foram proferidas pelo orador.

Porque era a paixão que fallava; incapaz de reprimir o frenesi de seus discursos, titubeava, e a força do pensamento o afogava.

Algumas vezes lhe emprestava a exageração suas côres sombrias e carregadas: outras vezes a logica lhe recusava os seus thesouros.

Ora, psalmodiava um hymno tocante à resignação e paciência evangelica.

Depois, padre e humano, ministro de um Deus de paz, dava á sua linguagem uma harmonia e maviosidade da andorinha no seu primeiro cantico de amor.

Mais tarde, terrivel e desordenado, profanava com furor a Christo que elle chamava em testemunho de seus erros; quebrava a cruz de que queria faser uma arma de carnificina; desconhecia o seu ministerio de paz, o seu dobrado ministerio de homem de Deus e de homem de genio.

Atacando com justa indignação a obra da iniquidade de seus irmãos, que se tornavam por vezes ministros de tyrannia, provoca o povo, exalta-o embriaga-o, instiga-o contra as leis da Humanidade e do tempo, não teme a apostasia, offerece suas preces a idolos vis e se faz ministro de Bellona e de Adrastéa!

Não é tudo: esqueceu as doutrinas de Deus, desconheceu as paginas da historia, renegou o progresso dos seculos, desprezou o genio da humanidade; procura impôr um papel no mundo, quer fazel-o seguir a seu bom grado, fazel-o obedecer á sua vontade: sonha, e os pesadelos quer transformal-os em realidade; pinta um quadro de negro e sangue, e quer dar-lhe vida! penetra forçando o futuro, e quer local-o desde a hora do seu pensar; sem attender ás cousas mais delicadas e sagradas, lança adiante de si, no meio dos povos, entre os povos e as

leis, entre os reis e as classes inferiores, lança, digo, com seu sopro forte a discordia e a morte; e derrubando os monumentos de gloria, os tropheos, os chefes d'obra antiga, confundindo as ruinas de hontem com os materiaes de amanhã, tudo reúne, e lança tudo no abysmo de seu pensamento, e levantando na terra um gigantesco monumento, cahê fraco e eterno onde jáz a Humanidade....

II

O orador fallou muito tempo; apenas findou, cansado de seus esforços, toda a multidão começou em murmúrio surdo: os espiritos estavam agitados. Os rasgos de eloquencia, os raios d'ê genio, o trovão respeitavel, o impetuoso aquilão, a união dos elementos contrarios, toda esta cataracta precipitada do alto pensar do orador, tinha allucinado e desenvolvido a intelligencia do auditorio.

Foram precisos alguns instantes de reflexão para procurar o fio de suas idéas, a rasão d'estas attenções violentas.

E recobrada a lucidez, as opiniões se devediram e os juisos se ennumeraram rapidamente.

III

Uns, salamandros politicos, homens de guerra e de discordias intestinas, empunharam com furor a arma que o discurso do orador lançára na multidão; como servis imitadores, repetiram phrases sonoras, apontaram para os palacios visinhos, elevando consigo uma cohorte má, preparavam-se para incendiar as habitações dos reis, e do cofre das leis do paiz.

Estes instrumentos cegos, homens tolos e perversos, intrepeteram as palavras ambigüas do orador, acharam n'ellas a provocação de seus crimes, e tiveram esperanza de ver embreve o incendio lavrar com suas chamas devoradoras.

Seria este o fim do predicator? Não, sem duvida; mas por que a doutrina de que se servira era tão violenta, tão absolutos os seus odios, tão fracos os seus correctivos, os conselhos tão imprudentes? Porque não refletira no abuso dos maus e dos ambiciosos? Porque esqueceu que a desordem é tão facil como difficil a paz? Para que deu expansão a um pensar que o coração concebeu grande e generoso, e que a sua doutrina tornou furioso e sanguinolento?

IV

Outros, chrysalidas sociaes, simples espectadores dos acontecimentos contemporaneos, ficaram impassiveis diante dos resultados da brilhante hypotypose que acabavam de ouvir: contentaram-se em encolher os hombros, sorrir com desdem de esforço do genio; incapazes de medir a profundidade dos abysmos que se lhe acabavam de cruzar debaixo dos pés, calmos e serenos ficaram no meio da agitação universal.

Esses homens não são nem os homens corajosos que o universo em ruinas encontraria firmes, mas não insensiveis, nem os homens resignados que obedecem ás leis do destino d'este mundo.

São os indifferentes, dignos de desprezo e maior parte das veses de piedade.

V

Outros ainda, irresolutos e timoratos, esperavam apenas que uma opinião triumphasse para a adoptar: esses miseraveis camaleões, cuja palavra é a palavra triumphante, cujo pensar é o pensar dominante, cujo partido é o partido vencedor, abstiveram-se por prudencia, de emittir a sua opinião, sobre o que acabavam de ouvir: ora se voltavam para os indifferentes, ora para os outros, impacientes de ver a decisão da victoria afim de aproveitar.

Esta angustia cruel da incerteza, cançava-os e atormentava-os. Porque

não levaria a idéa a effeito o orador? porque, depois de ter levantado a voz, não mette mãos á obra? porque, depois de ter adorado sobre o altar esta deidade, se recolheu ao sanctuario? O que semeia não deve colher? Parece temer que uma semente má produza um mau fructo.—Que havemos de pensar? Ficaremos sem guia. Se elle pregou a destruição, porque não vem connosco a ella? Se ha que edificar, porque não vem elle ajudar-nos?...O orador não nos trahiou? Não vos parece que elle nos não offereceu nenhuma pedra nova para substituir aquellas que despojassemos?....

VI

Um quarto partido se distinguia entre a multidão; era o mais numeroso. Compunha-se de homens de talento, prudencia e reflexão. Depois de admirarem o talento do orador, seus bellos periodos, e seu santo exterior, procuraram no fundo e forma do discurso comprehender o sentido e deduzir o resultado. Fortes em sua consciencioza convicção, apoiados pela razão, inspirados pela verdade, exaltados pelo amor da humanidade, bastante corajosos para se dizerem homens de prudencia, *homens de medo*, como os chamára o orador, de novo recommçaram a dizer de memoria a epopéa brilhante, e a pensar profundamente.

De repente d'entre estes ultimos, e da fervente multidão, um joven doutor se elevou pedindo attenção. Todos n'este momento supremo, se prepararam para ouvir, admirando-se alguns de ver este adolescente temerario tomar a palavra depois de um improvisador respeitavel haver fallado ás turbas — outros, riam da sua imprudencia; outros, pelo contrario, convencidos de que a verdade sabe fazer-se ouvir por todas as vozes, animavam o joven doutor e lhe diziam: « *Ninguem vos despreza pela vossa mocidade.* » (*)

Vae elle esclarecer o povo? Vae elle combater o gigante? Victima dedicada ás paixões ás quaes quer oppôr uma barreira, triumphará ou vêl-o-hemos succumbir? Que papel tem elle a prehencher? O que nos irá dizer?

Escutai-o.

(*) Paulo a Thimotheo — 1 — 4 — 12.

Desgraçado do propheta insensato, que segundo o seu pensar, nada vê. Vê visões vaãs e prophetisa a mentira.

Desgraçados de nós, se acreditamos nas palavras fataes que destilla a paixão e que ouve a credulidade!

Desgraçado de mim, se vos não esclarecer com a voz da verdade; se vos não venho inspirar com a minha inspiração!

Invoquei com fervor a verdade, e a verdade ouviu-me!

Deu-me uma missão neste dia, e impoz-me um dever.

E disse: « *Desgraçados dos pastores que deixam morder as ovelhas dos meus pastos.* »

(*Continúa.*)

FOLHAS SOLTAS.

A M.....

Eu morro pouco a pouco ao dedicar-te os affectos mais puros do meu coração, e ao perder as esperanças lisongeiras que tão feliz me tornavam; eu morro sem que um teu sorriso venha por momentos abrandar-me as dores; sem que um teu olhar venha dar vida e ventura àquelle que te amando vai sò e triste caminhando para a sepultura; no correr doce dos annos, no volver terno dos dias felizes, na aurora da vida, eu vi-te, meu coração era innocente e feliz: vi-te e e amei-te; oh! nasceu em meu peito um amor ardente e forte, amor que fez-me passar os dias no scismar saudoso e triste, em completas vigílias por que o meu pensamento estava sempre em ti;

amei-te muito; a alegria sempre constante no meu semblante e o riso sempre pairado em meus labios, fugiram e foram substituidos pela tristeza amarga e pelo soffrer cruel; eu innocente e feliz acordei do sono da ventura e felicidade para amar-te com fogo e paixão, esqueci tudo no mundo só para dedicar-te todos os meus pensamentos, para levantar um altar em que tu serias o meu idolo, adorei-te, amei-te, como é dado ao homem amar—Quando nestes salões atupetados de flores e sedas eu te via bella e pura como a estrella ao desponstar da aurora, magestosa e arebatadora como a rosa em uma manhã serena e pura, quando entre aquellas flores o teu perfume era mais suave e tua belleza mais pronunciada e encantadora; quando doce e gracioso pairava o sorriso em teus labios, e a felicidade em teu semblante, e quando com enthusiasmo roubavas na polka o olhar e a admiração de todos, e o ciume das outras flores, quando bella e soberba passavas entre aquellas ruínas e deixavas apóz ti vestigios de tua belleza, eu te amava — eu te adorava em segredo e só, eu te contemplava, eu te offerecia todos os meus votos, em segredo sentia o palpitar ardente de meu coração e queria matar esta paixão que me enlouquecia—era impossivel sempre te via bella e angelica sempre a tua imagem me seguia—eu te amava sempre, em segredo; existir sem declarar-te o meu amor, existir em duvida sem que soubesse o quanto te amava, era morrer na incertesa—era preciso que comprehendesses o sentir do meu coração—um dia, n'um soirée, estavas mais bella que nunca, o meu peito arfava com anciedade: eu já tinha padecido muito, era tempo que te revelasse o amor que te consagrava, aquelle momento arrebatou-me e dansava contigo uma quadrilha, o halito ardente do teu seio, o contacto de tuas mãos, e o palpitar doce do teu seio matou-me, eu tudo esqueci, esqueci mesmo que poderia receber um despreso embora eu te amava com paixão, declarei-me, quando esperava ouvir de teus labios uma resposta que me fizesse feliz, mataste todas as minhas esperanças, esmagaste-me o coração! e hoje que soffro tanto, nem um teu sorriso vem por momentos dar vida áquelle que morre na primavera dos annos e que morre sentindo no coração o deserer das illusões do mundo.

LEMBRANÇAS DE MINHA MÃI.

Minha mãe morreu tão cedo!...

Eu era pequeno, era feliz; porque não conhecia os enganos do mundo, e os pesares da vida; innocente corria por entre as campinas, colhia flores e ia derramal-as sobre minha mãe, saltava os regatos que encontrava no meu brincar, corria atrás da borboleta azul, travava com ella um combate que acabava pela minha victoria; adormecia socegado e feliz no meu berço innocente, embalado pelas cantigas e pelos beijos maternos que nas faces recebia; eu dormia o somno da infancia era feliz: oh! quem me dera sempre viver assim! Ao depois cresci, quando podia retribuir-lhe as suas caricias; quando mais me era precisa a sua existencia, a cruel sorte m'a roubou; oh! quanto soffro hoje que isolado do mundo, cansado da vida, não encontro o seu seio para esconder as minhas lagrimas, e nem os seus himnos para adoçar-me as dores.

..... Uma mãe!... Palavra sublime, que enche o coração de prazer e entusiasmo, que eleva a alma a um viver innocente e bello.

Uma mãe!!... Unico ente que nos ama no mundo, que comprehende as nossas dores, que soffre quando soffremos, que chora quando nossa alma é triste, que se desespera quando choramos, e que morre quando o homem deixa o mundo de illusões e prazeres para ir viver no mundo das felicidades.—Dores reaes; soffrer sincero.

Oh! como é triste existir sem ter o clo que nos prende á vida, sem os affagos do verdadeiro amor, sem as doçuras da verdadeira affeição. E haverá quem não chore uma mãe?

Quem não sinta um vacuo no coração quando uma lagrima se desliza sobre o tumulo de uma mãe! Quem não soffra muito sem os cuidados desse anjo que o Senhor enviou á terra para ensinar-nos o amor, o dever e a religião?

Oh! eu sou infeliz, muito infeliz.....

Aos 9 annos perdi minha mãe, fiquei só no mundo; só como a rôla sem o ninho! Entrei no mundo das illusões e dos enganos; soffri muito, descrei muito. A sociedade egoista e corrupta fez-me descrer de todas as felicidades, de todo o amor sincero e verdadeiro, de toda a virtude; porque já

tinha perdido o unico ente que me amava com amor sincero, e a crença que me fazia feliz: fugi do mundo, entreguei-me á solidão e muito chorei, porque não encontrei quem me acalentasse nos braços e mitigasse as minhas dores. —Não tinha mai !

Como eu soffro !...minha mai, lá da mansão dos justos, lança a benção sobre teu filho, pede a Deus pela felicidade do padecente . Eu sem ti, sem o perfume da flor que me fazia feliz e crente, chorarei sempre sem consolação; porque uma mãe perde-se uma vez e nunca mais se encontra .

PASSAGEM DA MATTA.

Era por uma d'essas noites phantasticas que annunciam a tempestade, que eu atravessava a matta .

D'entre nuvens negras e pesadas que passavam nos ares, surgia a lua pallida e medrosa ; gottas d'agua cahiam pelas folhagens e se penduravam pelos ennegrecidos galhos das velhas gameleiras, ou escorregavam brilhantes pelas palmas curvas das leves pitas .

Nenhuma briza agitava os leques das palmeiras, ou as altas fronteiras das gentis embaubeiras : a matta e o céu eram mudos e tristes ! Dir-se-hia que a natureza inteira repousava para mais tarde tomar parte no rugir da tempestade e levantar um grito medonho de vida ao rebentar do raio nas nuvens pejudas de electricidade !

Se por ventura alguma briza passava ligeira pelas ramagens das arvores eram perolas da noite que cahiam pelas relvas dos caminhos, eram folhas seccas que indolentes obedeciam á gravidade, um ou outro gemido que se desprendia dos troncos carcomidos pelo perpassar dos seculos e dos galhos que se frisavam...—nada mais.

A matta destruida e silenciosa era como um grande tumulto da natureza : ali, como nos cemiterios, os insectos da noite zumbiam somnolentos nas

folhas, apegados aos troncos, occultos nas raizes, ou esvoaçando em turbilhões.

Em todas as direcções passavam esses fracos meteoros vivos—os pyrilampos, que ora illuminavam com uma luz phosphorica uma folha e sem cessar o grande tumulo, de que elles eram como lampadas inconstantes.

Aqui era a escuridão terrivel causada pelos cipós trepadores e escabrosos, que se enroscavam aos troncos pertendendo suffoca-los: ali a aboboda verde, interrompida pela queda de muitas arvores gigantescas que cederam ao ferro do lenhador ao á chamma destruidora, deixava ver ao viajor immensas ruinas á pallida luz da lua desembarçada das nuvens: acolá magestosas colunas se erguiam despidas dos lindos capiteis, que o raio derribára—algumas tristes como a solidão desses lugares—outras risonhas e bellas com suas parasitas em flôr.

Oh! floresta, templo sublime da liberdade onde são os teus dias felises e as raças poderosas de guerreiros que te habitaram?

Grande como os filhos dos seculos é o teu mysterio!... a sombra do pianga não virá contar-nos a historia de teus povos enfraquecidos por innumerosos combates sanguinolentos e barbaros como elles, dos teus filhos expellidos de seus lares pelos seus mais cruceis inimigos—os filhos da civilisação.

Hoje, talvez, nem reste um só desses heroes foragidos pelos incultos sertões, onde seos insepultos ossos por ventura estalam aos pés ensanguentados da panthera!

Maldição para os que, não contentes com o teu sangue, pobre raça indiana, ainda levam as chammas ás tuas ricas florestas, destruindo o que de mais bello e magestoso a natureza levára seculos a formar e ostentava na força de sua grandesa.

Agora pôde o viajor atravessar este tumulo aberto, cheio de ossadas gigantescas sem temer a flecha hervada do indio, porque elle julga-se seguro: o tapuia era só o fantasma dos seus sonhos de covarde.

E no entanto as nossas florestas e serras, livres dos *curabis*, veem todos os dias augmentar-se o numero dos bacamartes!...

Pode o estúpido matuto semear a destruição em teu seio, despojar-te dos teus mais bellos ornatos para obter um mesquinho alimento, por que elle não será arguido do seu sacrilegio: eu só, pobre viajor obscuro

lastimo-te e, sentado n'uma destas columnas venerandas choro os teu
filhos, ó floresta, teos bellos dias de gloria e a incuria do nosso paiz.

Alexandre de Souza.



O GENERO HUMANO

VERSO E REVERSO

(Continuação).

Os homens admiram a virtude ; mas é a *coquetterie* que os subjuga.

Mme. de Arconville.

Querer corrigir um homem dos seus defeitos, e um mancebo da sua pre-
sumpção, é empregar o impossível: não se podem dar as boas qualida-
des, nem curar ninguém das más.—Cada um fica como era.

Mme. de Puissieux.

As pessoas de qualidade de hoje em dia, estão mais corrompidas do que
a gente da plebe; n'estes só ha galanteria ou paixão viva ; mas sincera :
n'aquelles, é puro deboche; porque nem tem vergonha.

Mme. Duqueza de Orleans.

Nunca um homem se devia gabar de sua coragem, nem a mulher da sua virtude, receando que não dê isso causa a perecer sua existencia.

Lady Blessington.

Os cortezãos tendem para a pessoa do soberano, como as nações para o sol.—Os cortezãos vivem d'aquelle, como as nações d'este.

Mme. Campan.

As duas principaes cousas necessarias a um cortezão, são — uma consciencia flexivel e uma politica inflexivel.

Lady Blessington.

Dinheiro cura as feridas, e faz esquecer os desgostos e pezares aos cortezãos.

Mme. de Mirepon.

Deus creôu o homem, macho e fema (?) dizem as escripturas — Identidade de natureza, divindade no mundo de existencia — fim igual — meios differentes. Dualidade na unidade, é o misterio e o encanto do destino humano.

Mme. d'Agout.

Os homens recommendão-nos de continuo a doçura e a paciencia, por que acham que é melhor educar-nos e ensinar-nos a supportar os seus defeitos, do que estudar o meio de os vencer.

Mme. Salm.

Um dos grandes defeitos do homem é não se collocar nunca no lugar d'aquelle a quem julga.

Mme. Epinay.

Eis o que é o homem: Desejos, inquietações, faltas, e alfim o remorso, que a verdade faz crear.—

Mme. Krudener.

Os homens desapprovãõ sempre aquillo que não são capazes de fazer

Rainha Christina da Suecia.

Ha duas especies de devotos — os devotos por devoção e os devotos por terror.

Mme. Baché.

Os homens aprendem nas escholâs, o que devem esquecer.

Rainha Christina da Suecia.

As differenças notaveis que se notão entre os homens, proveem da educação que recebem.

Mme. Roland.

Egualdade!... n'um tempo em que cada um trabalha por adquirir ou merecer, a egualdade é uma injustiça.

A egualdade é a utopia dos indignos.

Mme. Emile de Girardin

Ha homens que chegam a ser egoista com suas mulheres, filhos, e algumas vezes com os seus proprios amigos, por isso que julgam, que todos fasem parte d' elles — não obstante, nem por isso são menos inflexiveis do que os maiores egoistas.

Mme. Flora Tristan.

O egoismo é consequencia da ignorancia, e este vicio, para que tanto tendem os homens, é tanto mais inepto quanto elles só podem ser felizes em proporção com a felicidade de que goza a humanidade em geral: assim amar o proximo, é amar-se a si, racionalmente, e é tambem amar ao seu Deus por que; Deus e a criação formão um todo.

Mme. Flora Tristan.

Creai crianças virtuosas, aproveitareis homens como a sociedade carece para ter uma nova face; formai os corações de commum com espirito e intelligencia, e não gemereis para o futuro.

Mlle. Fanni Marechal.

As creanças são por assim dizer, fanaticas de justiça e de igualdade.

Mlle. Fanni Marechal.

O homem aborrecido não é o tólo callado, é o que falla.

Mlle. de Sommary,

Os homens vão e portenciozos, são sempre os mais inclinados á inveja.

Lady Blessington.

Os homens que não podem educar-se, promptificão-se sempre a faser descahir os outros, esperando subir sobre as suas ruinas.

Lady Blessington.

(Continua).

SIMPLIFICAÇÃO DE FRACÇÕES

Theoria do maximo commum divisor.

(Continuação).

Depois de termos mostrado qual o objecto da simplificação das frac-

ções, ou em geral de sua redução á expressão mais simples; depois de termos mostrado quaes as vantagens que resultam dessa simplificação e de termos demonstrado qual o principio em que ella se funda, cumpre que agora desinvolvamos de um modo geral os processos seguidos dos differentes methodos que se apresentam na simplificação das fracções, ou na sua redução á expressão mais simples.

E' tambem conveniente que analysando estes methodos se mostre as vantagens de um sobre outro.

Mas antes disso é necessario que se demonstrem todos os principios que servem de base a cada um desses methodos, para que depois se possa dar o desenvolvimento conveniente a cada um delles. Começaremos pois demonstrando o seguinte principio geral: Multiplicar um numero inteiro por um producto de dous factores é exactamente o mesmo que multiplicar esse numero por cada um dos factores que formam o producto; vejamos porque. Supponhamos que se tratava de multiplicar o numero inteiro 5 por 24 producto dos factores 4 e 6. Nós vamos demonstrar que multiplicar 5 por 24 producto dos factores 4 e 6 é o mesmo que multiplicar 5 successivamente por 4 e 6 factores de 24. Ora supponhamos que se tratava de multiplicar 1 por 24; neste caso o nosso espirito concebe com toda facilidade que se pode obter o producto de 2 por 24 de dous modos differentes. ou multiplicando 1 por 24 ou então multiplicando 1 por 4 e o producto resultante por 6. Ora se isto é evidente, e verdadeiro, conclue-se que quando se tratar de multiplicar o mesmo producto 24 por 2 tambem essa proposição ainda terá lugar quando se tratar tambem de multiplicar o mesmo producto por 3, 4, 5, etc. a questão ainda deve ter lugar d'onde se conclue que fica em geral demonstrado que: multiplicar um numero inteiro por um producto qualquer de factores, e tambem numeros inteiros, é exactamente o mesmo que multiplicar-o successivamente por cada um dos factores que formam esse producto.

Outra demonstração. Trata-se de provar em geral que multiplicar um numero inteiro, como por exemplo: 5 por um producto 8 dos factores 2 e 4 é o mesmo que multiplicar-o successivamente por cada um dos factores 2 e 4 que formam esse producto.

Para chegar a concluir esta demonstração, começaremos provando que quando se trata da multiplicação de tres factores 5, 2, e 4, o producto não

se altera invertendo a ordem dos dous ultimos factores, quer dizer que, se obtem o mesmo producto, quer multiplicando 5×4 quer $5 \times 4 \times 2$; ora, nós poderemos provar que a multiplicação de 2×4 ou a outra de $5 \times 4 \times 2$ corresponde exactamente á multiplicação 5×8 , sendo 8 o producto de 4×2 , ou de 2×4 . Temos demonstrado que na multiplicação de tres factores a ordem em que as duas ultimas se acharem collocadas não altera o producto. Ora nós sabemos que a multiplicação (quanto aos numeros inteiros) sendo a operação que tem por fim repetir um numero tantas vezes quantas são as unidades de outro, sendo a multiplicação um caso particular da adição, se pode concluir immediatamente que se pode formar o producto de dous numeros inteiros, ou repetindo o primeiro numero tantas vezes quantas são as unidades segundo, ou então formando uma somma de tantas parcelas iguaes como multiplicando quantas são as unidades do multiplicador.

Ora se isto assim é, podemos concluir com toda a evidencia que a multiplicação de 5×8 se pode obter, ou repetindo 8 cinco vezes o que dá 40, ou então formando uma somma de oito parcelas iguaes como se vê na tabella abaixo :

$$\begin{array}{r} 5 \\ 5 \\ 5 \\ 5 \\ 5 \\ 5 \\ 5 \\ 5 \\ 5 \\ 5 \\ \hline 40 \end{array}$$

Mas estas oito parcelas podem claramente achare-se dispostas de dous modos ou formando quatro grupos de duas parcelas cada um, ou em dous grupos tendo cada um delles quatro parcelas no abaixo se vê:

$$\begin{array}{cccc} \begin{array}{r} 5 \\ 5 \\ \hline 10 \end{array} & \begin{array}{r} 5 \\ 5 \\ \hline 10 \end{array} & \begin{array}{r} 5 \\ 5 \\ \hline 10 \end{array} & \begin{array}{r} 5 \\ 5 \\ \hline 10 \end{array} \\ & \begin{array}{r} 5 \\ 5 \\ 5 \\ 5 \\ \hline 20 \end{array} & & \begin{array}{r} 5 \\ 5 \\ 5 \\ 5 \\ \hline 20 \end{array} \end{array}$$

Ora é claro que cada um dos quatro primeiros grupos, conter de parcellas iguaes a cinco, cada um d'elles exprime o producto 5×2 . porem se um grupo somente é o producto de 5×2 , dous grupos representam o producto $5 (2 \times 2)$ ou de 5×4 , trez grupos devem representar o producto $5 (2 \times 2 \times 2)$ ou 5×6 , finalmente estes quatro grupos representam o producto $5 (2 \times 2 \times 2 \times 2)$ ou 5×8 então vê-se que se obter o producto de 5×8 ou formando uma somma de oitocres iguaes a 5, isto é repetindo 8 cinco vezes, ou então combinando quatro grupos cada um delles contendo duas parcellas iguaes a 5, isto é multiplicando 5×2 e o resultado por 4 o que significa que multiplicar 8 o mesmo que multiplicar 5×2 e o resultado por 4. Vejamos agora os ultimos grupos, se é verdade, que cada um delles contem quatro parcellas iguaes a 5: é simples e claro o conceber-se que cada um dos grupos representa uma somma de quatro parcellas iguaes a 5 o producto de 5×4 ; ora se um grupo representa o producto de 5, os grupos devem representar o producto de $5 \times 4 \times 2$. Então-se vê se se pode obter o producto dos trez factores 5, 2, e 4, ou formando a somma de oito parcellas iguaes a 5, isto é multiplicando 5×4 ou tomando quatro grupos cada um contendo duas parcellas iguaes a 5 vem a ser, formar o producto de $5 \times 2 \times 4$, ou finalmente formar os grupos cada um contendo quatro parcellas iguaes a 5, o que é multiplicar $5 \times 4 \times 2$. Então claramente se vê que quando se trata de multiplicar trez factores, 5, 2, e 4 pode-se inverter a ordem das ultimas sem alterar o producto, porém nós vemos que a multiplicação 5×8 correspondia exactamente ao producto de $5 \times 2 \times 4$, de 4×2 ; mas como o producto de 2×4 ou de 4×2 é igualmente 8, conclue-se que está rigorosamente demonstrado que; multiplicar um numero inteiro qualquer por um producto tambem de numeros inteiros, pertamente a mesma couza que multiplicar esse numero por cada um dos factores que formam o producto. Ora se é verdade podemos concluir rigorosamente que quando um numero é divizivel por outro, taem é pelos factores desse outro, por isso que sendo o dividendo e o divisor multiplicando pelo quociente, conclue-se que depois de se multiplicado a divizão do primeiro numero pelo segundo, o dividendo produz-se ou multiplicando o quociente pelo divisor, ou então multiplicando por cada um dos seus factores.

Azevedo Gibr

VARIEDADE

CÓDIGO CONJUGAL DOS INDIOS.

1º— Para a mulher o seu Deus na terra, é seu marido—

—2º— Embora o marido seja velho, defeituoso, cachectico, repugnante e brutal, embora gaste quanto possue com outras mulheres, nem por isso deixa de caber á espoza a mais restricta obrigação de o tratar como seu senhor, seu soberano, seu Deus.

3º— Uma creatura feminina nasceu para obedecer sempre e em todas as idades : quando filha , deve curvar-se perante seu pae ; quando esposa , perante seu marido ; quando viuva , perante seus filhos .

4º — Toda a mulher casada deve evitar cuidadosamente o prestar attenção a nenhum outro homem , inda mesmo aos mais favorecidos pela fortuna em espirito e belleza .

5º — A mulher não deve comer com seu marido ; mas sim honrar-se de merecer os seus sobejos .

6º — Se o esposo rir , deve rir ; se chora , chorar .

7º — Toda a mulher , seja qual fôr a sua posição , deve varrer a casa todas as manhãs , esfregar o trem da mesa e cosinha , e preparar acepipes appetitosos para seu marido .

8º — Para lhe agradar , deve lavar-se todos os dias , primeiro em agua pura , depois em agua açafroada , pentear-se , perfumar-se , humedecer as palpebras com antimonio , e traçar no rosto algum signal de vermellidão .

9º — Se o marido se ausentar , deve jejuar , deitar-se no chão , e abster-se de qualquer toilette .

10º — Quando o marido regressar , deve ir em triumpho diante d'elle , dando-lhe immediatamente parte do que fez , do que disse e mesmo do que pensou .

11º — Se fôr reprehendida , deve agradecer os bons conselhos .

12º — Se fôr castigada , deve receber com paciencia a correccção , de-

pois pegar nas mãos de seu marido, beijal-as respeitosamente pedindo-lhe perdão de ter provocado a sua cólera.

Cumpril-o-hão elles?



Quando um mancebo desposa uma donzella, Deus *assiste* ao casamento. Quando um velho desposa uma moça, Deus *envia* a sua benção; mas quando um mancebo na flôr da idade desposa uma senhora idosa, Deus não *assiste* ao casamento, nem *envia* a sua benção.

(*Proverbio italiano—trad.*)



PALESTRA.

Minhas caras leitoras e leitores: vou conversar com VV. SS. e pedir-lhes mil perdões pelas faltas que o meu amigo redactor haja commettido —

Ninguém ha mais digno de dô de que um triste redactor que se vê abarbadô com exigencias.

— Sr. Redactor. Sou apaixonado pela poesia e o Sr. massou-me com proza no 1.^o numero! Quero poezia, muita poezia, senão risque-me.

— Disculpe Sr. hade ser servido no 1.^o caso —

— Sr. Redactor — Que m' importa a mim com o que se faz em Africa? Não sabe que me interessa muito mais o que se faz no meu paiz? Porque não falla o Sr. do Maranhão, que é uma provincia tão rica? — Cumprirei o seu pedido, mesmo pregando algum *maranhão*.

— Sr. Redactor — Não achou typo maior para nos impingir? Por pouco mais, melhor era dar-nos folhas como 4 linhas: não vamos assim bem; quero o meu numero em typo miudo e bem intelligivel — Tomem nota, Srns. compositores —

— Sr. Redactor — Quero saber o estado do paiz — Os projectos que se teem discutido ultimamente nas camaras: não ha para mim leitura

mais interessante — Pois meu amigo, tenha paciência: não pôde ser servido.

Sr. Redactor — Então nós ficamos para o canto? — nem um artigo sobre modas, nem uma chronica de quinsena, nada absolutamente nada? — Por Deus, não se zanguem comigo, caras leitoras: estão sempre em minha lembrança e quando poder ser, offerecer-vos-ha a Revista, lindos figurinos.

Eis aqui o que ainda está sobre a mesa — se fôra a desenrolar o que já está na gaveta, justos Ceus! Diz lá o meu amigo redactor que cada dia tem um bom par de sezões com as taes exigencias. E de certo — Como se hade contentar o genero humano, se ha gostos tão differentes? — Eu cá já lhe dei o meu conselho: — Escreva para as velhas, para as moças, para os velhos e para os moços: enfim elle promette-me fazel-o; mas quem sabe o que fará! Ha hoje tanto quem prometta! tão pouco quem cumpra!

Emfim minhas interessantes leitoras, meus bons leitores, em nome do redactor eu vos prometto tudo quanto podeis desejar de útil e interessante; mas animai-o, desculpai-o, que elle me afirma que não me deixará ficar mal, no cumprimento do que ora prometto.

Agora caras leitoras, quero narrar-vos o movimento do mez; mas que heide dizer-vos? O Rio de Janeiro anda tão triste que não ha nem um baile — Por excepção, só temos a reabertura dos Salões do Club Fluminense. SS MM II. dignaram-Se Honrar o baile, e uma escolhida sociedade, qual a que ali sempre se encontra, correu ávida de uma distracção, a procural-a na espirituosa conversação de alguns dos cavalheiros, ou no delirio das valsas e polkas — Esteve a noite animadissima, retirando-se SS MM. depois da meia noite.

O Sr. Dr. João Manoel Pereira da Silva deu tambem um baile na sua casa, onde se notou a par da mais brilhante sociedade, um luxo asiatico, e um serviço proprio d'aquelle cavalheiro que tão bem sabe tratar as suas visitas.

No dia 29, teve lugar o juramento de S. A. a Princeza Imperial perante o Senado, e em seguida beijamão. Houve numeroso concurso — notou-se a frieza com que o povo recebeu o dia da maioridade da sua princeza.

Nos theatros grande movimento e uma epidemia de beneficios— Depois da morte do Joaquim Helcodoro, empresario do Gynnasio, organisou a Companhia que trabalhava n'esse theatro, uma Sociedade sob o titulo de Companhia Dramatica Nacional que agora vae funcionar— Consta-nos que Furtado, D. Eugenia, Vasques, Collares e Joaquim Camara sôbem, fechando-se o theatro das *Varietaes*.

Caras leitoras, benevolos leitores, não vos damos conta tão exacta quanto queríamos faze-lo do que se passou durante o mez; mas sahindo este numero um pouco demorado, não desejamos aborrecer-vos com o que já é velho para VV^{as}. SS^{as}.

Em compensação, appellamos para Agosto.

O AMOR MATERNO.

(TRAD. DE BRAULIO CORDEIRO.)

Ainda muita gente de Paris se lembra dessa noite desastrada que tão funesta foi ao amor materno. Um embaixador da Allemanha celebrava o casamento de um illustre conquistador: mil luzes allumiavam um palacio magico construido com tanta celebridade, como falta de cautela. Todas as artes tinham produzido maravilhas para encantar este palacio: columnas innumeraveis guarnecidas de festões de flôres as mais delicadas com disticos allusivos ao objecto, e outros ornamentos symbolicos sob o mais brilhante verniz guarneciam as salas; mas quem poderia julgar que amargas lagrimas estavam tão perto de tanta alegria! Uma torrente de fogo se avistou de repente, e o lindo recinto em que avultado numero de familias se entregava ao prazer da dança, em breve tempo foi reduzido a cinzas. Gritos e gemidos succedêram ao som dos instrumentos que tinham dado signal do divertimento; as abobodas do edificio

tremiam. e já era grande o numero das victimas. A pouca agua que á pressa se lançava ainda mais augmentava o incendio, que tudo devorava. Tudo era confusão! mas no meio destas scenas de horror, o que mais admirava e causava consternação, era a coragem sublime de uma multidão de senhoras palidas, de cabellos desgrehados, que no meio das chammas se esforçavam em salvar suas filhas. O temor pessoal tinha desaparecido em competencia com o amor materno, e dentro de poucos minutos, este theatro de alegria foi transformado em um montão de cinzas. Uma princeza adorada ali perdeu a vida, e no dia seguinte nas escavações que se fizeram achou-se o cadaver de outra mãe, abraçada com o corpo de seus filhos. Perto della estavam os fragmentos de um colar, braceletes, alguns diamantes poupados pelo fogo, e outros enfeites, tristes restos da vaidade humana, cuja vista affligia, e recordava o pouco valor e pouca duração dos prazeres humanos.—

VIRTUDE E RECOMPENSA.

I.

Confessemos que o homem é em geral caprichozo.

Esta reflexão, que nada tem de nova, nada tem tambem de consoladora.

Os homens admirão a virtude das mulheres; mas se, por exemplo todas fossem virtuozas, contristar-se-hiam: muitas vezes chegam a esforçar-se para arrastar ao mal aquellas que a sós no mundo tem vivido sempre com honra.

Não me recorda onde li que um inglez encantado pelo talento, e belleza de uma actriz lhe enviava a seguinte carta.

Senhora.

“ Tive o praser de vos ver e de admirar as graças e talentos que

vos distinguem. Dizem que a vossa conducta é irreprehensivel e que n'esse proposito vos quereis conservar. Sou rico e peço-vos por isso que acceiteis o contracto annexo a esta; garanto-vos cincoenta guineos por mez em quanto vos durar esta fantazia, só digna de elogios; mas se por a caso mudardes de pensar, peço-vos a preferencia e neste cazo em lugar de cincoenta guineos por mez, dar-vos-hei cento e cincoenta.

N'este inglez, triste é dizel-o, havia ao mesmo tempo, como em quasi todos os homens, a moralidade rendendo culto á virtude e o egoismo culpavel esforçando-se por vencer esta mesma virtude em seu proveito.

Não sei o que a actriz fez, e se a *fantasia da boa conducta* mediante cincoenta guineos por mez, durou mais tempo do que a *fantasia contraria* a rasão de cento e cincoenta: mas o que posso affirmar é que neste inglez se perdia um grande estadista.

Em consequencia é preciso dizer que se a maioria dos homens pouco vale, outros ha que honram a humanidade, sabendo recompensar e recompensar largamente a virtude por si só,

II.

N'uma das cidades do Sul da França vivia uma pobre donzella chamada Henriqueta. Seu pai depois de ter perdido em especulações infelizes a sua fortuna e o dote de sua mulher, fallecêra deixando viuva e filha ao desamparo. Henriqueta parecendo fadada para figurar no mundo elegante, bem cedo teve de pedir ao trabalho ingrato d'agulha os meios de subsistencia para si e sua mãe: fez-se costureira.

Assim se passaram alguns annos; mas diminuindo de dia em dia as forças da pobre viuva, viu-se obrigada a substituir o trabalho de costura pèl-o de mestra de primeiras letras de alguns meninos que lhe confiaram: teve sempre, termo medio seis crianças que lhe produziam dezoito francos. Esta quantia aliás tam insignificante sensivelmente coadjuvava a manutenção das duas senhoras. Henriqueta trabalhando cada vez com mais perfeição e cosendo quinze horas por dia, agenciava de 55 a 60 francos por mez, exceptuando os dias em que a doença a inhibia de trabalhar, a importância do medico e dos medicamentos e outras despesas identicas que

não entravam nesta conta. Era bem pouco; mas não obstante não tinham uma só dívida. Depois da morte do chefe da casa, tanto mãe como filha haviam seguido invariavelmente a regra de nada comprar a credito, na incerteza de que com o trabalho do dia seguinte pudessem pagar as dividas da vespera.

Para comprehender como, com tão fracos recursos, as duas senhoras podiam, como se diz vulgarmente, tocar os extremos, é preciso notar que estas duas martyres, n' outro tempo na opulencia, não gosavam um só dos prazeres mundanos, e que não somente lavavam e emgo-mavam a sua roupa, como também confeccionavam tudo quanto possuíam desde os chapéus até aos sapatos: só estes iam á mão do sapateiro para lhes pôr as sollas. Quanto á sua mesa, bem provava ella que não são só os anachoretas que vivem de legumes. Nunca mais de quatro vezes por annos comiam carne:—no dia de Anno Bom—no de Natal, e nos dias de annos da mãe e da filha. No anniversario da viuva, nunca Henriqueta deixava de apresentar-se com um cabeção ou com um par de manguitos bordados feitos depois do grande trabalho diario, nos seus *momentos perdidos*, com ella disia com espantosa simplicidade.

(*Continua*).

Por uma carta que acaba de nos chegar ás mãos, soubemos haver commetido uma indiscreção na publicação do — *Cateretê* — que é propriedade do Ilm. Sr. Luiz Ramos Figueira o não do nosso collaborador Jozé Carlos Rodrigues. Pedimos desculpa a estes dous cavalheiros, por erro tão involuntario; por isso que tendo-nos sido offerecida aquella mimosa producção pelo Sr. Rodrigues, com todos os dados para a suppor-mos sua, nessa suppozição a publicámos.

Redacção.

Devemos á muita delicadeza de um de nossos collaboradores, o Il^m. Sr. Bartholomeu da Silva Magalhães, a seguinte poesia á memoria de meus chorados tio e prima fallecidos em Portugal em Maio d'este anno.

Não a recommendamos porque o seu nome é recommendação de sobejo: só queremos cumprir um dever, patenteando por este modo ao Sr. Magalhães, o nosso eterno reconhecimento pela sua lembrança tão cara para nós.



TRONCO E RAMO.

*O sabio não vae todo á sepultura,
Não morre inteiro, o justo, o virtuoso,
Na memoria dos homens brilha e dura.*

M. M. B. DU BOCAGE.

Com ferro em punho negrejante 'spectro
Que corta sempre da existencia a flôr,
N'um cedro bello decepou um ramo
Atroz roubando seu viver, frescor.

Assim cortado, desprendido ao tronco
Perdido o viço p'ra não mais s'erguer.
Sem côr, cahido, debruçado e murcho,
Seccando triste se deixou morrer.

Seccou, é certo, ja morreu, não vive,
Poisou a fronte sobre o pó, no chão,
Não quiz o 'spectro prolongar-lhe os dias,
Matou-lhe os sonhos n'um erguer da mão.

Mas não contente no vergar do ramo,
Que cru e fero tão sem dôr ceifou,
Não poupa o tronco magestoso e forte
A golpes rijos sem temor cortou.

No côrte extremo, no tombar alfim
Distincto e claro se sentio rumor;
Os echos tristes repetiram — morte.
Sentidos peitos repetiram — dor.

No tronco se lia um nome,
Mais que tudo, de respeito;
No ramo se lia um outro
A quem todos davam preito.

Escriptos foram, eu creio,
Por divina e sábia mão,
Cada qual valia um timbre,
Cada letra um bom braço.

Eis o ramo que vergou:—

D. EMILIA AUGUSTA DE CASTILHO

Que no chão, seccou, morreu.

Eis o tronco derrubado:—

ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO

Que tombou, cahio, cedeu.

Tronco e ramo baquearam,
Dous talentos feneceram,
Duas campas mais s'abriram,
Duas loisas mais s'ergueram.

Ao pé das campas d' Alexandre — Emilia,
Endeixas tristes entoae cantores
Em torno ás urnas, pendurae grinaldas
De saudades, myrtho e perpetuas flores.

Chorae a perda de dous entes caros
Chorae a falta de mais dois talentos,
Pulsae as cordas á memoria sua
Por tronco e ramo desferi lamentos.

Qu'eu bem quizerá, mas não posso enfim
Soltar um brado p'ra bem alto ouvir-se
Comvoseo bardos, seus irmãos nas letras,
Não pôde o canto de um bizonho unir-se.

Apenas saudades,
Eu sei desfolhar;
A' face das campas
Sentir e chorar.

AO DESMAIAR DA TARDE

(Brasiliense).

Minha alma extasiada te contempla
Sublime magestade destas silvas
De troncos seculares
Emquanto pelos tergos das montanhas
Calada a natureza se adormenta
Aos véos crepusculares.

Toda a floresta se cala
Doce harmonia se espalha
No ether e solidão
Começa, voz do deserto,
Teo hymno, magico, incerto,
Nas harpas da criação.

Como exquisito perfume
Teo hymno—brando queixume
Dorme no seio da flor
E pela noite calada
Como a pomba despertada
Suspira.... mas não de dôr.

Cantas as dulcias dos anjos
Te acompanhaõ os archanjos
O murmurio do cocal
E tuas vózes vão perdidas,
Vão, talvez, já endormidas
Por entre os lirios do val'.

E minha alma extasiada
Ama tua voz maguada
Nos quebros, ó solidão!
Como o pobre caiipira
Ama a tarde que suspira
De amores.... lá no sertão.

E da brisa os rumorejos
São doces bem como os beijos
Do nosso primeiro amor
Quando sentidas endeixas
Voz do deserto, tu deixas
Subir aos pés do senhor.

O cahir das cachoeiras
E' mais triste que as palmeiras
Que os ais do meo coração
E os murmurios das fontes
E as côres dos horisontes
E as flores que cahem no chão.

E os cantos tem harmonias,
Tem os mares ardentias,
Segredos o mangueiral
Tornão-se as nevoas mais densas....
A noite traz-nos mais crenças
Mais perfume o laranjal.

E as voses vão mais sumidas
Vão, também, já endormidas
Aos longes da solidão
A noite cahe no deserto....
Outro canto vem incerto
Das harpas da criação.

Alexandre de Souza.

ILLUSÃO PERDIDA.

Era um amor de criança
Puro como a luz ! Que amor
Que perfume d' innocencia
D' aquella alma aberta em flor
Inda era um anjo : peccou
E no momento em que amou.

Aquelle amor foi a crença
Mais doce da minha vida
Tive outras depois ; nem uma
Chorarei de ver perdida
Em quanto dure a lembrança
D' aquella amor de criança.

Quando ella me via triste
A olhal-a extatico e mudo
Tinha dó de mim , e afflicta

Jurava por Deus, por tudo
Amar-me sempre; mentia
Mas sua alma é que a illudia.

Uma vez de fatigada
Junto a mim adormeceu
Entre um beijo e um sorriso
Um sonho me prometteu
Mas... quando voltou á vida
De tudo estava esquecida.

Do roto colar as perolas
Procuerei ver se juntava
Quiz colher na brisa a flor
Que esfolhando-se voava ...
Amor que um riso creára
N' um leve sonho acabára,

Inundei-lhe as mãos e'o pranto
Que a dôr funda me arrancava
Sorrio-se!... já não sabia
Que por amor se chorava
Perdi de todo a esperança
Já não era mais creança.

Antonio H. da Costa Brito.

Rio de Janeiro 6 de Março de 1839.

TU NÃO ERAS ASSIM.

(A NUNO ALVARES.)

Tinhas a nivea mão poisando a face
Sombrio o rosto, merencorio e triste
Meditando por fim;
Um instante, um sómente te ha mudado,
Tu não eras assim

Ainda hontem voavão-te os cabellos
Nos vergéis a correr,
Erão teus sonhos—brincos de eriança;
Dormiste e despertaste—a mocidade
Vinha doce a nascer.

Tu correste enlevado entre as cantigas
Maviosas, sentidas dos canários,

Dos teus sertões do Norte.

Mas o vento arrojou-te aqui-distante
Em lufada bem forte.

Fez-te proscripto, longe de teus lares
De teu leito de flores;

Mas não chores a falta das florestas,
Si não temos dos campos os perfumes
Nossa vida é de amores.

Não encontras aqui tanta alma pura
Doçura no calor da morna brisa

Que beija-te louçã?

A Princesa do valle deu-me o berço
Do teu berço é irmã.

Aqui ha mais espaço para teu genio!
Tudo é doce magia....

Tuas scismas de amor, rescendem cantos,
Deixa o genio ovar, que aqui se ausenta
N' um throno de poesia!

Deixa as auras da tarde em tuas faces
Trazerem-te harmonias, te saudando

Meigo filho do Norte;

O Brazil é um só— é nossa patria,
Nosso leito de morte!

Tu não eras assim lá-; nos teus prados
Sorrias a cantar;

Astro que brilha a furto e que se esconde,
Tu lies a qui nos ceus do Guanabara
Fugindo a se mostrar.

Ha aqui muito amor— muito perfume,
Muita verdade em labios fluminenses

Muito calor mnita vida;

Vem faser de meu peito a sacra e gide
A saudade querida.

Si hes proscripto, longe de teus lares
De teu berço de flores

Ai não chores a falta das florestas
Si não temos dos campos os perfumes
Nossa vida è de amores!

RODRIGUES PROENÇA.

Rio—1860.

A VIRGEN.

Diz o—A—Ave Maria,
Diz o—B—Bondosa e bella,
Diz o—C—Cofre de graças,
Diz o—D—Divina estrella.

Diz o—E—Esp'rança nossa,
Diz o—F—Fonte d'amor,
Diz o—G—Genio do bem,
Diz o—H—Honesto flor.

Diz o—I—Incenso d'alma,
Diz o—J—Joia mimosa,
Diz o—K—Koran divino,
Diz o—L—Luz bem formosa.

Diz o—M—Mãe dos mortaes,
Diz o—N—Nuvem de brilhos,
Diz o—O—Orae por nós,
Diz o—P—Por vossos filhos!

Diz o—Q—Querida virgem,
Diz o—R—Remedio ao mal,
Diz o—S—Soccorre sempre
Diz o—T—Todo o mortal.

Diz o—U—Unico abrigo,
Diz o—V—Vital, fecundo,
Diz o—X—X d'um mysterio,
Diz o—Z—Zelae o mundo!

B. S. MAGALHÃES.

PENSO EM TI.

Penso em ti, porque te amo
Como a flor da primavera
Ama o recio da manhã,
Como ama o desterrado
A terra em que foi creado,
Como amo minha irmã!

Penso em ti, porque te amo
Como amo o murmúrio
Das ondas altas do mar,
Como amo a melodia,
Que desprende o fim do dia
Quando o sol vai-se a fundar!

Penso em ti, porque te amo
Como a rôla do deserto
Ama a terna companheira,
Como amo o som cadente
Das gôttas que docemente
Deslisão-se da bananeira!

Penso em ti porque te amo
Como ama o pescador
Do alto mar a bonança,
Como ama o condemnado
Em negro catre arrojado
Almo luzir de esperança!

Penso em ti, porque te amo,
Como o caboc'lo ama as selvas,
As selvas da liberdade!
Penso em ti, pensando tanto
Meu pensar, é puro e santo,
Puro sentir de saudade.

N. A.

COLLABORADORES.

- Alexandre Rodrigues de Souza.
Antonio Herculano da Costa Brito.
Adolpho de Sarmiento.
Antonio Cavalcanti de Souza Raposo.
Antonio Carlos de Azevedo Coimbra.
Bartholomeu da Silva Magalhães.
Braulio Cordeiro.
Bruno Seabra,
Casimiro de Abreu.
Caetano Theophilo da Costa.
Cunha Rocha.
Eduardo Daniel Villas Boas.
Francisco de Paula Barros.
Francisco Joaquim Bittencourt da Silva.
Francisco Xavier de Sousa Coutinho.
Con.Dr, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.
Joaquim Herculano da Costa Brito.
Dr. Justiniano José da Rocha.
Joaquim de Freitas Vasconcellos Junior.
Joaquim de Oliveira Catunda.
Dr. Jose Alexandre Teixeira de Mello.
Joaquim Pedro da Silva.
Padre Jose Herculano da Costa Brito.
João Bernardo de Azevedo Coimbra.
Padre Jose do Canto Continho Pão-Brasil.
Joaquim Silverio dos R. Montenegro.
João Rodrigues Proença.
Jose Carlos Rodrigues.
Dr. Luiz Correa de Azevedo.
Luiz Antonio da Silva Peixoto.
Dr. Laurindo Jose da Silva Rabello.
Luiz Antonio Burgain.
Dr. Manoel Antonio Duarte Moreira.
Machado de Assiz.
Mendes Campos.
Nuno Alvares Pereira e Souza.
PadreDr Patricio Muniz.
Dr Souza e Andrade.
Silvio Pinto de Magalhães.
V. J. do Bomsucesso Junior.

TODAS AS RECLAMAÇÕES E AVISOS, EM CARTA FECHADA AO ESCRITORIO
RUA DO CANO N. 219—1º ANDAR.